

Analizando expressões brasileiras (verbetes em F-L)

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

Abreviaturas aqui empregadas

BN: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

Delicado – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

Pequeno Dicionário: verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Rolland, Francisco ed. - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Frango a passarinho e “peito de peru” (& Cia...)

A expressão só surge na BN em 1951, curiosamente em discurso do então deputado Jânio Quadros, que fazia da defesa dos direitos do consumidor uma de suas principais bandeiras, cobrando do Poder Público medidas contra o desabastecimento de produtos de primeira necessidade, como o sal, o açúcar, o leite e a carne. Antológico, por exemplo, foi um seu discurso, acompanhado de gesto teatral, recolhido no Diário Oficial de 08-08-1951:

No leite, Sr. Presidente, encontraram-se culturas de larvas de moscas, além de corpos estranhos de toda a espécie e natureza.

Aqui está para um exame a olho nú [exibe um litro de leite] aquilo que a Cia. Vigor distribui à população de São Paulo sob o rótulo de alimento. A olho nú é possível ver, no litro, impurezas que autorizam duvidar da existência de qualquer serviço que acautele a saúde da população.

Em uma entrevista (04-12-1951), o vulnerável prefeito de São Paulo, Armando de Arruda Pereira (Janio iria sucedê-lo nesse cargo), declarou que a solução para a crise do desabastecimento de carne, que afligia a população, estava em uma campanha educativa que orientasse o povo a substituir a carne por alternativas proteicas. No mesmo dia, Jânio vai à tribuna e desfere violento golpe de oratória contra Arruda Pereira, em um discurso emblemático de sua peculiar ironia, que iria acompanhá-lo ao longo de toda a carreira política. Após ridicularizar as sugestões do prefeito provenientes do “reino vegetal”, diz:

E, finalmente, uma campanha educativa do povo, para acostumá-lo a consagrar um dia ao cabrito, um dia ao carneiro, um dia ao leitão, um dia ao peixe um dia ao peru, e assim por diante.

Aprofundando no sarcasmo, Jânio diz estranhar, na dieta proposta pelo prefeito, a ausência de codornas e perdizes, lagosta (“que não é propriamente peixe, e o oceano dá, desde que bem apresada”) e a importação de salmão, caviar e carneiro.

(...) É indescritível a alegria entre o proletariado e a classe média. A sugestão do peru, bicho que ameaçava extinguir-se como espécie comestível, passado às melhores tradições comuns, assegurará de pronto, a sua volta à moda, e já nesta semana todos os trabalhadores irão mastigá-lo, dando preferência ao peito, cuja carne, segundo souberam, é mais deliciosa e macia (...) o carneiro, nas costeletas, e o frango “a passarinho” alternar-se-ão com o peru.

Estão todos muito gratos ao Prefeito. Quem diria que a crise era de receitas culinárias? Era de imaginação?

(“Correio Paulistano”, 06-12-1951)

Recém surgido, o frango a passarinho é lançado por Jânio Quadros na imprensa como alternativa gourmet ao refinado peito de peru...

A propósito do peito de peru, sabemos pelo “Diário da Noite” que, em 1958 (reportagem de 29-12-1958), o povo paulistano começou a fazer piada com a própria penúria “numa época em que o custo de vida anda pela hora da morte” e começou a chamar de “peito de peru” o mais barato dos sanduíches, o de mortadela (que custava 3,50 cruzeiros, enquanto o verdadeiro “custa nas casas especializadas 50 cruzeiros”). Na mesma linha “filé com molho” era eufemismo para o sanduíche de salsicha e pedir

“arroz a cavalo” era simplesmente arroz coberto por dois ovos. Era comum também na época pedir ao garçom um “copo de água torneiral”. A mesma reportagem nos esclarece que o pãozinho francês já era chamado de “françã” na gíria e exemplifica com “sai um bauru na Françã”. E também informa que “Romeu e Julieta” quer dizer “marmelada e queijo”, embora a denominação seja muito anterior: em sua edição de fevereiro de 1940, “O Observador Econômico e Financeiro” (RJ) registra que os viajantes (representantes comerciais) chamam de “Romeu e Julieta” a feliz combinação de goiabada com queijo.

Galera

Tanto o Houaiss quanto o Aurélio associam “galera” a torcida de futebol, antes de a um grupo unido por uma afinidade qualquer, como a galera do narguile, a galera do sertanejo, a galera vegana. Houaiss chega a especificar em uma de suas acepções: “grupo de torcedores das gerais e arquibancadas”.

Se esse sentido de grupo unido por afinidade procede do âmbito do futebol, galera (ainda grafada entre aspas, por ser novidade) surgiu na BN em 1965, quando o “Jornal dos Sports” (RJ, 31-07-1965), diz do ponta esquerda Abel, exímio driblador do Santos:

A “galera” quer ver o Abel dar nó nos zagueiros, quase entortando a todos com suas fintas desconcertantes.

E na célebre canção “Fio Maravilha”, de 1972, Jorge Benjor canta:

E a “galera” agradecida assim cantava: “Fio Maravilha, nós gostamos de você; Fio maravilha faz mais um pra gente ver”.

Em uma versão alternativa dessa mesma canção, o autor substitui “galera” por “a magnética” (forma carinhosa de nomear a torcida do Flamengo).

Em 1968, um jornal de Santos, “A Tribuna”, chama de “galerinha” a um grupo de jovens torcedores do Peixe e, em 18-02-1969, o mesmo jornal explica que esse nome foi dado pelos jogadores ao grupo, devido às constantes viagens que faziam para acompanhar o time (evocando, talvez, o significado original de galera: antigo tipo de barco).

(a) Galinha do vizinho – mensagens de parlendas

As cantigas de roda, parlendas e jogos de linguagem infantis encerram por vezes, para além da mera rima, mensagens para as crianças.

Em se tratando de esclarecer o sentido de “Enganei um bobo, na casca do ovo”, na internet encontram-se “teorias”, tão elaboradas quanto disparatadas, para explicar o que quer dizer a expressão e o mistério dos enganos que a casca do ovo pode ocasionar. Mas se quisermos ficar no simples e óbvio, basta atentar para o fato de que ela alerta para o fato de que só pode ser enganado o inexperiente, o pintainho recém nascido, que acaba de sair da casca do ovo.

A eterna inveja e insatisfação humanas são ludicamente desmascaradas pela cantiga de roda: a galinha do vizinho é que bota ovo amarelinho (e ainda por cima

bota não um ou dois, mas dez!). Já Delicado, em 1651, registrava o provérbio: “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha” e “A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha”.

E o desfecho daquela mini-história “de terror” ensina as crianças a não alimentarem temores indevidos: “Era meia-noite, um homem com uma faca na mão... (voz pausada e fantasmagórica) ... (inocentemente) passava manteiga no pão”.

Na ingenuidade da infância, aprendemos que nem sempre temos critérios justos para realizar certas escolhas fundamentais (como a de ter que decidir quem é que vai se encarregar da triste missão de jogar no gol na pelada...) e que, nesses casos, o mais adequado é confiar as decisões à cega sorte: “lá em cima do piano tem um copo de veneno...” ou “minha mãe mandou escolher este daqui...”, ou ainda o “bem-me-quer”, “uni, duni, tê” etc.

Gato escaldado...; cachorro mordido por cobra

“Gato escaldado tem medo de água fria” e “cachorro mordido por cobra tem medo de linguíça” são dois provérbios muito felizes em descrever a gênese de muitos de nossos temores e traumas. E também de nossa experiência de vida, não por acaso “gato escaldado” sem mais é “pessoa com experiência, que sabe se safar de dificuldades” (Houaiss).

Sendo igualmente expressivas, é surpreendente o desequilíbrio de citações e de antiguidade na BN. “Gato escaldado...” é usada muitíssimo e desde sempre: aparece na BN já em 1821 em “A Malagueta” (RJ, dezembro) com a formulação: “Gato escaldado de agua fria tem medo”, provérbio que até é tomado como epígrafe do jornal “O Brasileiro Pardo” (RJ), já em seu No. 1, de 21-10-1833.

Já “cachorro mordido por cobra tem medo de linguíça” só surge na BN quase 150 anos depois do provérbio do gato; em 1966 no (“Correio Braziliense” 19-11-1966). Curiosamente, a formulação primitiva era também com gato: “Gato a que morde a cobra tem medo à corda” (“Jornal do Commercio” RJ, 16-02-1883). Passou depois por um sujeito indeterminado “Quem foi mordido por cobra, tem medo até de minhoca” e só chegou ao enunciado com cachorro e linguíça, como dissemos, muito tardiamente: em 1966. Mas o provérbio com gato permanece até hoje muito mais citado nos jornais.

Gorjeta

A gratificação da “gorjeta” (como se grafava então) é da mesma datação de sua usual sinônima da época: “molhadura”. Esta surge em 1823, em anúncio do “Diario do Rio de Janeiro”, oferecendo “molhadura” para quem entregar um escravo fugido; aquela em um relato em sessão do parlamento (17-06-1829): na assembleia constituinte (1823) discutia-se se os proventos “extras” dos participantes seria a título de subsídio ou gratificação. E um deputado sussurrou que se podia até chamar de gorjeta, o importante é que viesse o dinheiro...

Em 14-11-1844, o “Jornal do Commercio” (RJ) publica um interessantíssimo artigo “Historia – as molhaduras”, tecendo considerações históricas e etimológicas e estabelecendo como um caso particular de molhadura, a gorjeta:

quando o serviço que se nos faz não deixa vestígio depois de si. Assim, aquilo que damos ao boleeiro que nos conduziu n'uma sege, ou ao criado que nos serviu à mesa n'uma casa de pasto, depois de pago o aluguel da sege, ou o preço do jantar, chama-se *gorjeta*. Porém se a molhadura é cousa que molha, e a gorjeta pe cousa que passa pela garganta, por que motivo se dão taes nomes ao dinheiro que nem passa pela garganta nem humedece? É porque desde tempos immemoriaes, a gratificação extraordinaria que se dava por qualquer serviço que se fizesse consistia em vinho e não em dinheiro.

Já o dinheiro extra para recompensar serviços “de vestígio”, como o do sapateiro ou o do alfaiate, não é gorjeta, mas molhadura.

E prossegue dizendo que se antigamente a gratificação dada por quem encomendava missas era em vinho. E que hoje essa prática continua, embora outros já preferem fazer doação em dinheiro. E para os coros de beneditinos, ofertava-se uma porção de vinho, chamada “socéga”, dizendo a cada padre: “socegue, padre, socegue”.

Após diversos outros exemplos, o articulista mostra que também em outros países a gorjeta está ligada à garganta (gorja), ao dar de beber: em francês *pourboire*, em alemão *Trinkgeld*. E conclui:

Em toda a parte as gratificações extraordinarias erão em vinho.

Suprimida a distinção entre serviços de vestígio/não vestígio, a palavra “molhadura” caiu em desuso e emprega-se “gorjeta” para qualquer caso. E embora sempre em dinheiro, continuamos com a referência de linguagem ao beber: uma gorjeta para um pequeno serviço é “um cafezinho”; para um mais trabalhoso, “uma cerveja”.

Tendo-se institucionalizado, a gorjeta pode perder seu sentido original: o de manifestação e apreço pelo atendimento atencioso e cordial recebido. Como este aspecto não pode ser estritamente mensurado – ao contrário dos ingredientes da comida/(ou cosméticos etc.), do aluguel do prédio do restaurante/salão de beleza; contas de água e luz etc. –, a simpatia, o cuidado e o calor humano não têm preço e só podemos expressar, simbolicamente, nosso reconhecimento por meio da gorjeta que, por natureza, deve ser livre e não pode ser prefixada ou precificada.

Assim, a gorjeta “compulsória” (os 10% da “taxa de serviço”) atenta contra a própria essência do ato: impede-o de ser o que deveria ser. Como também o medo de represálias: se o cliente, mesmo não totalmente satisfeito com o serviço, não der a gorjeta, digamos, ao barbeiro, corre o risco de sofrer alguma “barbearagem” no próximo corte... Alguns clientes precavidos até optam por dar gorjetas antecipadas.

Esses casos mostram como a institucionalização (que, por outro lado, defende o prestador de serviços contra a avareza e a ingratidão de certos clientes) pode reprimir o melhor da espontaneidade na convivência e no exercício das virtudes.

Hino do Flamengo (e seu enigmático verso)

Como entender o misterioso verso do Hino do Flamengo: “muita libra já pesou”? E enigmas semelhantes em outros hinos futebolísticos.

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra da hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas

vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica - também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... - é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são - nas correspondentes línguas - simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas - deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” -, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante os saltos lógicos e as brechas que - *para nós* - o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: "O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus" e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: "A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante". Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível.

Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “- Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo num colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigencia* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigencia* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “- Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por - *para nós* - saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, que discutiremos neste estudo: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

Quando nos detemos a analisar as letras dos hinos em geral - e também os (oficiais ou não) dos times de futebol - frequentemente nos deparamos com uma linguagem estranha: ufanismos mais ou menos ridículos; belicismos, anacronismos; exortações que tinham sentido na época em que foram compostos, mas não hoje; etc.

A *Marselhesa*, por exemplo, convoca os cidadãos a saciar a terra com o sangue impuro dos soldados ferozes que vêm degolar nossos filhos e nossas mulheres... E os jogadores do Paraguai, antes de enfrentar a Espanha, cantam que o infausto cetro de Espanha os oprimiu por três centúrias, mas agora a Europa e o mundo aclamam o heroísmo do Paraguai, já livre do vil feudalismo: dobrai os joelhos, ó opressores etc. E o pior é que o hino, como símbolo nacional (ou do time...), é muito difícil de ser mudado: hino é hino...

O hino do Corinthians, por exemplo, composto em 1952, fala do futebol como “esporte bretão”, mas no lançamento da logomarca da Copa de 2014, o presidente da FIFA, Josef Blatter, começou seu discurso com o truísmo: “O Brasil é o país do futebol”. E o hino não faz menção à característica distintiva do Corinthians, evidente desde aqueles longos anos sem campeonato até 1977: a fidelidade de sua torcida. E designa o Corinthians como “campeão dos campeões”, o que hoje, na era das competições internacionais, não é dos pontos mais fortes do clube.

Uma sutil datação de época vem também no hino do São Paulo (1935), por meio da adjetivação: “Salve o tricolor *paulista*”, Se o SPFC é o “paulista” é porque reconhecia a existência de um tricolor sem mais, absoluto, *simpliciter*: o tricolor (o Fluminense). E é do Fluminense que falam os versos de Chico Buarque: “O radinho contando direito / A vitória do meu tricolor” (se bem que o autor seja *também* tricolor são paulino). Mas, hoje, o São Paulo agigantou-se: sendo campeão de 6 brasileirões (contra 4 do Flu); 3 Libertadores (0 do Flu) e 2 Mundiais e poderia reivindicar para si ser ao menos tão o tricolor quanto o Fluminense. Do mesmo modo, o hino do Santos, ao afirmar-se “glorioso alvinegro praiano”, reconhece implicitamente a precedência de outro alvinegro...

O hino do Palmeiras também traz seus fósseis. Composto em 1949, ainda fala em “linha atacante”, de acordo com os primitivos esquemas táticos. E afirma que o Palmeiras “sabe ser brasileiro”: e é que, poucos anos antes, com o Brasil em guerra contra a Itália, o clube teve que mudar o antigo nome Palestra Itália.

Além disso, sempre nos hinos, corre-se o risco de, no presente ou no futuro, cair na armadilha do “*Excusatio non petita, accusatio manifesta*” (desculpas expressas, acusações ocultas). Se no fim da primeira parte da aula, eu digo aos alunos: “- Podem ir para o intervalo sossegados que eu não vou roubar nada das bolsas de vocês”, o melhor que eles podem fazer é levar consigo seus pertences e trancá-los a sete chaves... Assim também há afirmações que soam como suspeitas, como a do hino que diz que o Palmeiras “transforma a lealdade em padrão”... Ou a do Santos que se afirma “campeão absoluto deste ano”, o que, por longos períodos, ficou longe da realidade.

Mas voltemo-nos para o hino do Flamengo (site oficial do clube):

Uma Vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer
Na regata ele me mata,
me maltrata,
me arrebatava de emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado
Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse
O Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra, muita libra,
já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time no verso de seu hino composto há 80 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra ou atitude, mas ainda se compreende “fibra”), mas que raios: é pesar libra, “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*”, como que sugerindo uma interrogação, que indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras do Flamengo?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetra-campeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “*pesar libras*” (a solução que apresento pareceu admissível ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFÉ-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei). “*Pesar libras*”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória!

Outra passagem enigmática (hoje) do hino é o “Ai Jesus”. Na época (e ainda hoje em Portugal) significava simplesmente: o queridinho, o xodó, aquele por quem todos suspiram: “ai, Jesus”. E, de fato, no hino, encontramos-lo substantivado: o “Ai Jesus”. Assim, em Urupês (1918), Monteiro Lobato diz: “Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras (...) o caboclo é o ‘Ai Jesus’ nacional!”. E em 1950, Rachel de Queiroz escrevia para “O Cruzeiro”: “Se fosse homem, tirava uma carta, comprava um caminhão e ia pra estrada. O caminhoneiro é um *bon vivant*, não tem patrão nem horário, dorme onde bem lhe apraz, seu teto é o céu cheio de estrelas, e é o ai-jesus das mulheres...”

Anacronismos? Mas como em hino não se mexe, cada time continuará “glória do desporto nacional”, com “páginas heróicas imortais”, “sempre altaneiro”, “com seu pendão”, “adentrando o gramado em que a luta o aguarda”, “bem amado, com glórias que vêm do passado”...

Hora H

Ao contrário do que pensam muitos, a expressão “hora H” não foi criada para assinalar o assalto aéreo que acompanhou a invasão da Normandia (Hora H: 6:30h da manhã do dia D: 6 de junho de 1944), embora essa seja a operação militar mais célebre da hora H.

A expressão, no sentido de momento oportuno, decisivo ou exato para um fato ocorrer, já era muito usada na década de 30, a ponto de figurar no título de espetáculos anunciados pelo jornal “O Estado de S. Paulo”, como uma das mais divertidas “revistas: “Na hora H...” (21-11-1936), ou a comédia “Herdeiros na hora H” (15-03-1939”.

No mesmo jornal, em coluna dedicada a esclarecimentos sobre a língua, o renomado Prof. Silveira Bueno esclarecia: “A expressão hora H nasceu na gíria dos bandidos, marcando o momento do ataque (...) Agora já não se diz mais hora H e sim: dia D.” (11-02-1945).

Como não podia deixar de ser (estamos no Brasil) a expressão acabou sendo usada também para indicar o ato sexual: “o medo de falhar pode atrapalhar na hora H”, “aquele comprimido dá uma forcinha para manter a moral na hora H” etc. E virou até nome de medicamento da Melcon do Brasil (Levonorgestrel) para prevenção de gravidez...!

Inferno cheio

Sendo populares, nem sempre os provérbios têm fórmulas fixas, mas frequentemente admitem variações, ao sabor dos gostos e das épocas.

Por exemplo, ninguém hoje ouviu a da expressão, vigente e predominante durante muitas décadas: “De boas intenções, está o inferno calçado”. Pois hoje geralmente dizemos: “De boas intenções, o inferno está cheio” e não nos damos conta de que essa é uma enunciação relativamente recente e que só muito lentamente foi se afirmando.

Ela surge na BN em 1889 (única incidência nos anos 1880); tem 1 aparição nos anos 1890; 1 aparição nos anos 1900-1909; 2 nos anos 10; 3 nos anos 20; 3 nos anos 30; salta para 8 nos anos 40; para 16 nos anos 50; para 26 nos anos 60; oscila para 23 ocorrências nos anos 70; e consolida-se, absoluta, em 64 ocorrências nos anos 80.

Comparemos a trajetória dessa formulação com a de sua concorrente, mais antiga e que será desbancada pela que usa “cheio”: “De boas intenções, está o inferno calçado”.

Esta surge na BN em 1858 (única incidência nos anos 1850); tem 4 aparições nos anos 1860; 2 nos anos 1870; 4 nos anos 1880; 2 nos anos 1890; 2 aparições nos anos 1900-1909; 11 nos anos 10; 6 nos anos 20; 4 nos anos 30 e decai para 3 nos anos 40.

Por alguma razão, nos anos 40, encerra-se o domínio absoluto de 80 anos da formulação em “calçado” e começa o reinado do “inferno cheio”. No ano de 1950 temos uma única aparição daquele enunciado, que, a partir de então, nunca mais comparece na BN.

Nessa pesquisa, dei-me ao trabalho (trabalhoso...) de verificar só as formulações padrão (as poucas incidências de variantes – de uma ou de outra – se compensam e não chegam a alterar a essência dos resultados).

Note-se que o provérbio fonte, tem em Delicado (1651), enunciado diferente e mais longo: “De bons propositos, está o inferno cheio, o ceo de boas obras”, nem ocorre na BN...

Ir com sede ao pote

Na formulação original, a parte principal da expressão era “fome ao cesto”: “Nem com toda a fome ao cesto, nem com toda a sede ao pote”. (“A Época”, RJ fevereiro de 1849). Mas, desde que surgiu em 1840 na BN, impera absoluta a formulação reduzida: “não ir com sede ao pote”, advertindo para ir com jeito para não entornar o caldo e devagar com o andar “porque o santo é de barro”. Sobre esta última expressão, é de se notar que em tempos de opacidade etimológica – e como já não há quase procissões e andores – ela está se tornando “devagar com a dor” (!?), e assim foi registrada até em um conhecido Dicionário da internet (<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/devagar%20com%20a%20dor/17547/> Acesso em 19-04-2023).

(ser uma) Jabuticaba

A simpática frutinha foi tomada como tipo de algo que só ocorre no Brasil, na maioria das vezes no sentido negativo: “Só no Brasil mesmo, essa jabuticaba: juiz que perde o cargo por condenação é ‘punido’ com (sua polpuda) aposentadoria”; “O Supremo derrubou a jabuticaba de que preso com diploma de ensino superior tinha direito a cela especial”; “A jabuticaba do investimento é oferecer ao mesmo tempo: altos retornos, liquidez e segurança” etc.

Jabuticaba, nesse sentido, aparece por primeira vez na BN quando o então secretário executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, explicou que ao contrário do que se julgava no Brasil, o racionamento de energia de 2001...:

... Não é algo estranho ou uma jabuticaba do ponto de vista dos investidores estrangeiros. Eles têm perto deles, na Califórnia, um problema similar que está sendo gerenciado.
 (“Tribuna da Imprensa” RJ, 09-06-2001)

Jagueté, abaeté e outros etés – sabedoria tupi

Uma das geniais canções de Milton Nascimento é Yauaretê (com Fernando Brant), do álbum de mesmo nome. Canção nem sempre lembrada, muito pouco compreendida, mas de assombrosa genialidade.

Ao focar a palavra tupi jaguetê (como também o faz Guimarães Rosa, em seu famoso conto), Milton/Brant atingem profundamente o próprio centro da problemática antropológica e ética, clássica do Ocidente e, a seu modo, também dos Orientes.

Trata-se do problema da compreensão do próprio ser do homem e de sua realização. Tal concepção pode resumir-se numa memorável formulação do poeta Píndaro, quinhentos anos antes de Cristo: “Torna-te o que és!”. Essa sentença recolhe da forma maximamente enxuta, um conceito chave para o pensamento grego: *areté*.

Areté, para os propósitos deste verbete, poderia ser traduzida por “virtude”, mas, por diversas razões (como a falta do uso vivo dessa palavra hoje: quem de nós a ouviu ou falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por *excelência* do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* no atacante é Lionel Messi; *areté* de cavalo não se encontra em um pangaré qualquer, mas no ímpeto do puro sangue árabe.

O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem. Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... quê?

Nestes 2.500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas. Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universal. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí que Tomás de Aquino fale da virtude como o máximo que se pode ser e o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper tenha resumido o ideal da virtude/areté como “processo de auto-realização”: *selbstverwirklichungsvorgang*. (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a auto-realização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”).

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: é o sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*), encontra-se na Comédia de Dante, na tradição confuciana; do “Torna-te...” de Píndaro às *tourneures* da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas
E quem no rosto dos homens lê ‘homem’
Bem poderia reconhecer o M

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano, rosto poeticamente figurado, em concretismo, na palavra “OmO” (omo, na língua de Dante, significa homem).

Também para Confúcio – e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas – a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês; e a virtude da humanidade também é *ren*, cujo ideograma se obtém por uma como que “duplicação” do ideograma *ren*-homem, ou seja um homem a dois: aberto para o outro), e o imoral (*fei-ren*) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.

人 非 人
ren fei-ren

Curiosamente essas ideias fundamentais (da excelência, do máximo, do ser ou não ser...) são encontradas também na sabedoria da língua tupi. Ensinam as gramáticas que o superlativo em tupi, constrói-se pelo sufixo *-eté*, ajuntado a um termo. Assim, por exemplo, se *jaguar* designa diversos animais de cachorro a onça; jaguareté é a

“onça máxima”, a mais feroz. Tal como a *areté* grega, o sufixo *-eté* significa não só o superlativo, mas também, aquele que é de verdade.

Já o contrário de *-eté* faz-se com o sufixo *-rana*, cujo significado, neste contexto, é o de: *parecido* no sentido de falhado, fracassado, o que parece mas não é. Precisamente o oposto de *-eté*. Se *jagueté* é a onça por excelência, jaguarana é um cãozinho medroso que foge de gato... *Ibi-eté* é a terra boa e fértil; *ibirana*, a estéril: parece terra, mas falta-lhe a virtude de terra.

Ora, para o tupi – que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica – o homem bom moralmente é *aba-eté*, ou seja, o homem de verdade, que se aproxima da *areté* de homem. Enquanto o homem imoral é *aba-ran*, pseudo-homem.

O drama fundamental ético-existencial transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular, na genial canção de Milton. Na inspiradíssima letra, o homem dialoga com a onça *yauaretê*, a onça Maria, pedindo-lhe – a ela que já atingiu a *areté* de seu ser-onça: *jaguar-eté* – que lhe ensine o correspondente ser-homem.

Senhora do fogo, Maria, Maria
Onça verdadeira, me ensina a ser realmente o que sou
põe a sua língua na minha ferida
Vem contar o que fui, me mostra meu mundo
Quero ser jaguetê
Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci?
Cadê meu começo, cadê meu destino e fim?
Para que eu estou por aqui?
Senhora da noite, senhora da vastidão
Ouvir pegadas e pegar
Seguir a sina de sangrar para se alimentar
Tem de guerrear, lutar, matar para sobreviver
Pois assim é a vida...
Quem vem lá? É onça que já vem comer
Quero ser a onça, meu jaguetê
Quero onçar aqui no meu terreiro
Vou onçar sertão e mundo inteiro
Já está na hora da onça beber o seu
Vou dançar com a lua lá no céu
Dama de fogo, Maria, Maria,
Onça de verdade, quero ter a luz
Ouvir o som caçador
Me diz quem sou, me diz quem fui
Me ensina a viver meu destino
Me mostra meu mundo, quem era que eu sou
É onça que já vem comer;
A onça, meu jaguetê

Ser onça de verdade, “onçar” superlativamente é, na comparação, fácil; trata-se simplesmente de: pegar, sangrar, lutar, matar... Mas, e eu que sou homem? Que devo fazer para ser abaeté? Onça Maria, me ensina a ser realmente o que sou; me mostra meu mundo, quero ter a luz, me ensina a viver meu destino e descobrir quem era que eu sou... O que resume 2.500 anos de pensamento filosófico.

Daí que outro grande gênio, Tom Jobim, preferisse o apelido de Jaguetê para Milton, em vez do, muito menos expressivo (embora consagrado), Bituca: “Meu

Yauaretê, minha onça verdadeira. Você é o rei da floresta, rei da mata brasileira. Meu Taquaraçu de espinho, meu carioca mineiro. Meu amor e meu carinho. Uiarapurú verdadeiro. O amador de passarinho”.

Jogar conversa fora

Surgida na BN em 1972, “Jogar conversa fora” tem inicialmente sentido meramente negativo: de pura enrolação ou falsidade. Sua primeira ocorrência dá-se em notícia que anuncia que finalmente:

A Comissão de Carnaval realizou uma reunião de verdade quando, sem jogar conversa fora, muita coisa foi resolvida em favor do carnaval (“O Fluminense”, 19-02-1972).

“Papo furado” surgiu também com sentido negativo, o de anúncio de algo enganoso, proposta ou promessa que não vai se realizar. Em sua primeira aparição na BN, afirma que os moradores da Mangueira não acreditavam no parecer demasiado otimista de advogados no caso de um possível despejo massivo no morro, pois a comunidade já estava acostumada “com o papo furado dos doutôres” (“O Cruzeiro” RJ, 24-08-1963). E na página seguinte à matéria do suposto despejo, a revista publica uma página explicando ao leitor as gírias da Mangueira, na qual consta o verbete: “Papo furado – Conversa sem nexo, conversa fiada”.

Curiosamente, pouco depois do aparecimento de cada uma dessas expressões, originalmente de repreensão, já surge também um sentido positivo, o de conversa relaxante, em convívio descontraído, na qual os amigos podem se abrir confiadamente (e até deixar escapar alguma pequena tolice) sem medo de serem cobrados ou responsabilizados pelo que dizem. E é nessas rodas – mais do que nas tensas reuniões de trabalho – que se fortalecem as amizades, surgem parcerias, brotam ideias criativas, inovações artísticas etc.

Como nos atesta, por exemplo, o belíssimo samba “Mudando de Conversa”, de 1968, de Hermínio Bello de Carvalho e Maurício Tapajós:

Mudando de conversa onde foi que ficou
Aquele velho amizade
Aquele papo furado todo fim de noite
Num bar do Leblon
Meu Deus do céu, que tempo bom!
Tanto chopp gelado, confissões à beça
Meu Deus, quem diria que isto ia se acabar
E acabava em samba
Que é a melhor maneira de se conversar.

E Aldir Blanc (“O Pasquim” RJ, 27-5-1977) celebra nossa outra expressão:

A moçada naquela santa comunhão entre gargalos, copos e gogós,
todo mundo jogando conversa fora, uma beleza.

Também a revista “Manchete” (RJ, 23-04-1994) presta homenagem à conversa jogada fora, em matéria a propósito do lançamento de um livro sobre a

inspiração de artistas em conversas de bar: “templo de reminiscências, desabafos, poesia”. A reportagem começa afirmando: “Quem não gosta de jogar conversa fora (...), indiferente às horas, tem certamente menos histórias a contar sobre a vida”.

Levantar a lebre

Expressão muito antiga (já registrada no século 17) e, desde 1826, frequentemente usada na BN. Mais do que meramente “chamar a atenção para um problema imprevisto” como pretendem alguns dicionários da internet, “levantar a lebre” inclui trazer à tona algo oculto, que alguns queriam manter escondido, como no caso de um esquema de corrupção ou de um escândalo político. É uma metáfora de caça: para apanhar a lebre é necessário fazê-la mover-se, fazê-la saltar (este é o sentido exato de “levantar”, no caso) do mato em que se encontra (e não de trata – de modo algum – de erguer a lebre pelas orelhas,,).)

Como bem sabem os caçadores, os hábitos das lebres e dos coelhos são muito diferentes e isso é tido em conta pelos provérbios. Nesse sentido, o site Meus Animais informa: “Por instinto, o coelho procura se esconder em situações de perigo, ao contrário da lebre, que tende a fugir” (<https://meusanimais.com.br/diferencas-entre-coelhos-e-lebres/> Acesso em 19-04-2023). Daí que já em 1651, Delicado, incluía em sua coletânea de provérbios e ditos o clássico princípio da arte venatória: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata”, iluminando assim também nossa outra expressão de suspeição: “nesse mato tem coelho (escondido)”. E, claro, uma cajadada é muito mais apropriada para matar um coelho escondido (ou dois, o coelho vive em grupo) do que uma arisca, irrequieta e saltitante lebre. Pois, além do mais, “A lebre é, por natureza, independente e solitária. Os coelhos, por sua vez, estão acostumados a viver em colônias patriarcais” (Meus Animais).

Rolland, em sua antiga coletânea, já adverte para esse caráter arisco da lebre, que exige concentração e foco dos caçadores e de seus cães: “Galgo que muitas lebres levanta, nenhuma mata” e “Às vezes mais corre o Demo que a Lebre”.

Liberou geral

É declaração de que já não há nada proibido, tudo liberado (o “geral” aqui é um adjetivo adverbializado, no sentido de “ilimitadamente”). Surge na BN em 1980, na esteira da lei da Anistia (1979) e da abertura política do governo Figueiredo, que com seu jeito diretão, a havia reafirmado, dizendo: “É pra abrir mesmo. Quem não quiser que abra, eu prendo e arrebento”.

A primeira ocorrência na BN dá-se em uma matéria do “Correio Braziliense” (04-01-1980), comentando o evento artístico “Orgasmo da Década”, visando evitar “a anestesia ampla, geral e irrestrita”: “Liberou geral, então vamos fumar, então vamos falar, então vamos votar...”.

Como se sabe, a expressão veio para ficar e é amplamente empregada até hoje.

Recebido para publicação em 22-05-23; aceito em 12-06-23

